



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JESSICA MARIA PAULINO DA SILVA

**ENTRE A AUTORIZAÇÃO E A NEGAÇÃO DOS PAIS: ASPECTOS
SUBJETIVOS DO SOFRIMENTO INFANTIL**

Juazeiro do Norte
2021

JESSICA MARIA PAULINO DA SILVA

**ENTRE A AUTORIZAÇÃO E A NEGAÇÃO DOS PAIS: ASPECTOS
SUBJETIVOS DO SOFRIMENTO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior

JESSICA MARIA PAULINO DA SILVA

**ENTRE A AUTORIZAÇÃO E A NEGAÇÃO DOS PAIS: ASPECTOS
SUBJETIVOS DO SOFRIMENTO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior

Aprovado em: 05/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior
Orientador

Prof. Esp. Cícera Jaqueline Sobreira Andriola
Avaliadora

Prof. Me. Indira Feitosa Siebra de Holanda
Avaliadora

ENTRE A AUTORIZAÇÃO E A NEGAÇÃO DOS PAIS: ASPECTOS SUBJETIVOS DO SOFRIMENTO INFANTIL

Jessica Maria Paulino da Silva¹
Francisco Francinete Leite Júnior²

RESUMO

Na atualidade observa-se um aumento de diagnósticos relacionados a psicopatologia infantil. O sofrimento infantil, como o Transtorno do Espectro Autista - TEA e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH, estão entre as grandes epidemias diagnósticas da atualidade. Ressalta-se que apenas na presença de uma mãe suficientemente boa a criança pode iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real. Quando a maternagem não é boa o suficiente, o apoio do ego da mãe não existe, é fraco ou descontínuo, seu *self* verdadeiro não consegue se formar ou mantém-se oculto por trás de um falso *self*. O infante não consegue se desenvolver em sua trajetória subjetiva, o desenvolvimento passa a estar mais relacionado com uma sucessão de reações a colapsos. Uma criança cujo ego é forte devido ao apoio dado pelo ego da mãe, cedo torna-se verdadeiramente ela mesmo. Contudo, não se deve esquecer das frustrações as quais são necessárias que a criança se depare, porque as consequências da privação de desprazer são tão prejudiciais quanto a privação do afeto de prazer. Esse estudo teve como objetivo compreender como a posição de autorização e negação dos pais e seus mecanismos de defesa, através do desempenho adequado ou falho da função materna e função paterna, interfere na subjetivação do sofrimento infantil, por meio de pesquisa bibliográfica do tipo revisão de literatura narrativa. Como resultados identificou-se que os sinais de sofrimento psíquico infantil estão presentes desde muito cedo, e quando negligenciados vão se solidificando em sintomas cada vez mais evidentes. Uma maternagem suficientemente boa, como também um bom desempenho da função paterna, propiciam a criança além de maturação e crescimento, mas também ferramentas psíquicas adequadas para um caminhar rumo a autonomia, autenticidade e ser sujeito ativo da sua própria história de vida, mas quando essas funções se desempenham de modo inadequado ou patológico, a criança sofre uma série de traumas, tristezas, inseguranças e até mesmo variados tipos de transtornos do desenvolvimento. Dessa forma, foi possível compreender como a posição de autorização e negação dos pais através do desempenho adequado ou falho da função materna e função paterna é essencial para o desenvolvimento apropriado ou patológico da criança, repercutindo em toda a sua trajetória de vida.

Palavras-chave: Infância. Pais. Função materna. Função paterna. Psicanálise.

ABSTRACT

Currently, there is an increase in diagnoses related to child psychopathology. Child suffering, such as Autistic Spectrum Disorder - ASD and Attention Deficit Hyperactivity Disorder - ADHD, are among the major diagnostic epidemics of our time. It is noteworthy that only in the presence of a sufficiently good mother can the child start a process of personal and real development. When maternal care is not good enough, the mother's ego support is nonexistent, weak, or discontinuous, her true self fails to form or remains hidden behind a false self. Infants cannot develop in their subjective trajectory, development becomes more related to a succession of reactions to collapses. A child whose ego is strong due to the support given by the mother's

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: jessicamps18@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

ego soon becomes truly himself. However, one should not forget the frustrations which are necessary for the child to face, because the consequences of the deprivation of displeasure are as harmful as the deprivation of the affect of pleasure. This study aimed to understand how the position of parental authorization and denial and their defense mechanisms, through the adequate or poor performance of the maternal and paternal function, interferes in the subjectivation of child suffering, through a literature review of the type review of narrative literature. As a result, it was identified that the signs of psychological distress in children are present from a very early age and when neglected, they solidify into increasingly evident symptoms. Sufficiently good maternal care, as well as a good performance of the paternal function, provide the child with not only maturation and growth, but also adequate psychic tools for a journey towards autonomy, authenticity and being an active subject of their own life story, but when these functions are performed inadequately or pathologically, the child suffers a series of traumas, sadness, insecurities and even various types of developmental disorders. Thus, it was possible to understand how the position of parental authorization and denial through the adequate or failed performance of the maternal and paternal function is essential for the appropriate or pathological development of the child, affecting their entire life trajectory.

Keywords: Childhood. Parents. Maternal function. Paternal function. Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata da infância, pais, sofrimento infantil e psicanálise. Tendo como objeto de estudo a relação entre a autorização e negação dos pais e a subjetivação do sofrimento da criança. Nesse sentido, Jerusalinsky (2017), aponta que crianças muito atendidas em suas vontades são extremamente frágeis do seu ponto de vista psíquico, assim como as que são poupadas de sofrimentos típicos da vida como a morte e a despedida. Quando se poupa dessa maneira está se produzindo algo muito pior, pois deixa o infante sem ferramentas psíquicas, e assim pode o encaminhar para a melancolia.

Existem ainda aquelas crianças que tudo têm e nada querem, sendo o contrário da ânsia da criança, pois essa brinca porque anseia algo, se não dá, se fantasia. Há uma ilusão de que uma criança comportada é sinônimo de satisfação, e pode-se perceber atualmente agendas lotadas de atividades, mas essas não são produções dos infantes, gerando apatia e tristeza, porque não há algo que os mova, que desperte seu desejo (KEHL, 2017).

O sofrimento infantil, como o Transtorno Bipolar, está entre as três grandes epidemias diagnósticas da atualidade, juntamente com o Transtorno do Espectro Autista - TEA e o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH. Vale ressaltar que o Transtorno Bipolar tem uma faceta maníaca e outra depressiva, e são modos de como na atualidade tem se nomeado uma tristeza extrema (JERUSALINSKY, 2017).

A pesquisa justifica-se pela sua relevância pessoal por ser um tema e discussão que gera interesse em compreensão, aprofundamento e possibilidades de trabalho profissional na área.

Sua relevância acadêmica e social está no fato de apresentar conteúdo pertinente e atual que necessita estar em questão, abrindo espaço para novos estudos e novas interpretações, contribuindo para o avanço da profissão e do conhecimento científico na área de desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, agrega seu valor social, visto que pais e crianças beneficiam-se ao passo que são fontes de estudo e trabalho, como por exemplo na clínica psicoterapêutica com crianças e seus familiares, e podem assim, favorecer-se das intermediações por meio do conhecimento do profissional.

O estudo em questão teve como pergunta de partida: como a posição de autorização e negação dos pais interferem na posição de subjetivação do sofrimento infantil? O objetivo da pesquisa foi compreender a posição de autorização e negação dos pais e suas interferências na subjetivação do sofrimento infantil, através da descrição da função materna e função paterna e suas relações com o desenvolvimento infantil; identificação da posição dos pais entre a autorização, a negação e as questões em torno dos mecanismos de defesa e a discussão da posição de subjetivação do sofrimento da criança.

2 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão de literatura narrativa. Esse tipo de revisão, refere-se a publicações amplas, sendo apropriada para descrever e discutir o desenvolvimento ou a situação que se encontra um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual. É constituída, basicamente, da análise da literatura publicada em livros, artigos e análise crítica pessoal do autor. São artigos de revisão narrativas e qualitativas (ROTHER, 2007). Essa pesquisa se classifica ainda quanto a finalidade como pesquisa básica, quanto ao propósito/objetivo geral como exploratória, quanto a natureza dos dados como qualitativa e sua análise de dados se deu pela sistematização das leituras em consonância com os objetivos e a problemática.

A primeira etapa desse construto foi o estudo de material áudio visual disponibilizado em meio eletrônico e artigos científicos localizados nas bases de dados: Biblioteca Científica Eletrônica Online - Scielo, Periódicos Eletrônicos em Psicologia - Pepsic, Biblioteca Virtual em Saúde - BVS e Google Acadêmico, como também, livros, teses, dissertações, periódicos especializados e anais de encontros científicos. As palavras chaves e termos utilizados para a busca de pesquisa foram: infância, pais, função materna, função paterna e psicanálise; e os critérios de inclusão e exclusão foram a utilização das obras clássicas de Sigmund Freud dos anos 1927, 1950 e 2010, Jacques Lacan dos anos 1995 e 1999, Donald Woods Winnicott dos

anos 1950, 1999 e 2007 e René Spitz do ano 2004, como também outros materiais que são Tese de Doutorado de Julieta Jerusalinsky de 2009, Dissertação de Mestrado de Milena da Silva Mano de 2009 e publicações dos últimos cinco anos. Todas as publicações usadas nessa pesquisa estão no idioma português. Na segunda etapa relacionou-se o conteúdo dos estudos através do aporte teórico psicanalítico, utilizando-se de autores como Sigmund Freud, Jacques Lacan, Donald Woods Winnicott, René Spitz, Graciela Crespin, Julieta Jerusalinsky, Milena da Silva Mano, Ana Francisco Lunardelli Jacintho, Maria Cristina Machado Kupfer e Alain Vanier. Nesse trabalho consta ainda, a discussão de dois casos clínicos referidos por autores citados que se relacionam com a teoria apresentada.

3 O DESEMPENHO DA FUNÇÃO MATERNA E DA FUNÇÃO PATERNA E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Os *insights* de Winnicott (1999), fundamentam-se numa compreensão profunda dos aspectos pais-filhos juntamente com sua firme convicção de que a maioria dos pais deseja profundamente fazer bem a seus filhos. O autor sempre enfatiza o instinto dos pais para fazer o que é certo, estando aliado à inevitável culpa e à ambivalência que fazem os pais serem sensíveis como são. Sem culpa e ambivalência, nenhuma mãe seria sensível as necessidades do seu filho. A teoria desse autor traz a possibilidade do erro dessa mãe em pequenas proporções, na intenção de incentivar a criança a lidar com as frustrações, fortalecendo seu psíquico e vindo a entender que ela e sua mãe são seres distintos.

As pessoas sentem-se inseguras quando estão entregues aos próprios palpites, ao tipo de coisa que lhe auxiliam no momento crítico, quando não dispõem de tempo para refletir e avaliar com maturidade qual atitude tomar. Em alguns momentos, os pais têm determinadas ações com as crianças como dar uma palmada, abraço, beijo ou risadas. Algo apropriado aconteceu, essa era a coisa certa, nada poderia ter sido melhor e ninguém poderia dizer a esses pais o que fazer naquelas circunstâncias, pelo simples fato de que as circunstâncias não poderiam ser descritas antes de acontecerem. Contudo, após, os próprios pais descobrem-se falando sobre os acontecimentos e ficam surpresos com o que fizeram, pois é comum não terem noção do que foi feito e sentem-se confusos com o problema em si. Nesses momentos a tendência é os pais sentirem-se culpados e procurarem com urgência qualquer um que lhes fale com autoridade, que lhes dê ordens (WINNICOTT, 1999).

Jerusalinsky (2009), relata que a experiência da maternidade costuma evocar na mulher um intenso sentimento de realização. Essa experiência também a leva a um reencontro com sua

própria condição feminina. A castração materna é revisitada, porém não mais na condição de criança, mas sim sob uma nova perspectiva, que só se alcança ao ultrapassar a condição de filha; é a castração a partir da posição de mãe. O bebê, para uma mulher, pode produzir simultaneamente uma articulação da equação fálica, trazendo realização, e também apresenta uma falta, que a descompleta. Com a chegada de um bebê surge a ameaça da perda da situação profissional e/ou do próprio corpo como objeto de desejo, sendo modos de realização do gozo fálico antecedentes à maternidade.

Para as primeiras gerações de mulheres com ocupação trabalhista, corriqueiramente a questão que exerciam a maternidade por estima e escolha, fazia com que as mesmas viessem a suportar a sobrecarga de seus variados afazeres. As mulheres que são mães e profissionais na atualidade, parecem muito menos dispostas a responsabilizar-se sozinhas com esse modo de organização social. É dessa forma que surgem novos termos como *pãe*, para designar homens que são pais e que também se ocupam dos cuidados com a criança (JERUSALINSKY, 2009).

Em contrapartida, além do que toca as questões práticas do cotidiano, o lugar ocupado por um bebê na economia psíquica de uma pessoa em posição feminina e posição masculina é distinto, e muitas mulheres só notam essa distinção permeado de mal-estar, constatando-se a diferença sexual. Na pós-maternidade, várias mulheres queixam-se de estar em posição desigual para com os homens em relação ao trabalho. A maternidade vem confrontar essas mulheres a essa diferença, pois por um tempo consideraram estar igualmente niveladas com os homens, hipoteticamente tiveram a mesma possibilidade de realização fálica que os mesmos, e mais uma vez a perderam. Dessa forma, com a maternidade, institui-se novamente a angústia da castração, possibilitada pelo reencontro com a diferença sexual (JERUSALINSKY, 2009).

A figura paterna sempre teve posição de destaque na teoria de Freud, desde o pai sedutor ao pai da horda primitiva, passando pelo pai da fantasia infantil, e sua função é fundamental na constituição do psiquismo do sujeito, estando atrelada a conceitos como complexo de Édipo, ameaça de castração e proibição ao incesto (POMBO, 2018).

A situação edipiana é ponto central dos desejos da infância e núcleo das neuroses. Tem sua origem na pré-história dos homens de hordas primitivas, mais precisamente no assassinato do pai primordial, que instaura a proibição ao incesto. As marcas do parricídio originário permeiam a história do homem e são transmitidas de geração em geração como traços constituintes da subjetividade (FREUD, 1950).

Freud (1950), utiliza do mito de “Totem de Tabu” para escrever a história edipiana singular do sujeito, que remonta a origem de quase totalidade de instituições sociais e culturais posteriores. Quando o autor explica a origem filogenética da instauração da lei de interdição ao

incesto, o mito reforça a importância da proibição ao incesto enquanto constituição da dinâmica edípica. Na configuração do complexo de Édipo, no menino, este deseja sua mãe e rivaliza com seu pai. A saída do Édipo se dá com o complexo de castração, ou seja, é devido ao temor de ser castrado pelo pai que o menino abre mão do desejo que dirige a sua mãe, e então se identifica com seu pai. Desse modo, a função paterna é a de realizar uma castração com sucesso, de estabelecer uma norma, condição essa necessária para que o menino seja conduzido ao mundo paterno e adquira uma identificação sexuada (FREUD, 1927).

Winnicott (1950), aponta que apenas na presença de uma mãe suficientemente boa a criança pode iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real. Quando a maternagem não é boa o suficiente, a criança acumula reações à violação, o self verdadeiro dessa criança não consegue se formar, ou mantém-se oculto por trás de um falso self, que ao mesmo tempo se quer evitar e se quer consentir com os desalentos do mundo. O desenvolvimento é uma função da herança de um processo de maturação e do acúmulo de experiências de vida, mas esse desenvolvimento só acontece em um ambiente propiciador. A importância desse ambiente propício é absoluta no início e segue relativa. O processo de desenvolvimento pode descrever-se como dependência absoluta, dependência relativa e um caminhar rumo à independência.

É possível categorizar a função da mãe suficientemente boa, estando atento desde questões muito primitivas. Tais funções podem se reduzir a: *holding* (sustentação), *handling* (manejo) e apresentar objetos. O *holding* tem muita relação com a capacidade da mãe de se identificar com o seu bebê, e é uma fase em que a mãe ou substituta, protege a criança da agressão fisiológica, leva em consideração a sensibilidade cutânea do lactante e a falta de conhecimento deste da existência de qualquer coisa além dele mesmo, na sua rotina estão cuidados diurnos e noturnos adequados para cada bebê e segue as mudanças passageiras que fazem parte do crescimento e desenvolvimento físico e psicológico do lactante, proporcionando um ambiente sustentador e acolhedor (WINNICOTT, 1950).

O *handling* é a forma da mãe exercer seu contato físico com o bebê, favorecendo a formação de uma parceria psicossomática na criança, contribuindo para a formação do sentido real em oposição ao irreal, e a apresentação de objetos ou realização, ou seja, tornar real o impulso criativo da criança, dá início a capacidade do bebê de se relacionar com objetos e consiga substituir a mãe. (WINNICOTT, 1950).

Existe na relação mãe-filho o que se denomina clima emocional favorável. São os sentimentos maternos em relação ao bebê que criam esse clima emocional. O amor e a afeição pelo filho fazem com que essa criança seja um contínuo objeto de interesse para a mãe, fazendo com que a mesma lhe ofereça sempre novas, ricas e variadas experiências de vida. O que tornam

essas experiências tão importantes para o infante, é que elas são caracterizadas pelo afeto materno, e então a criança responde afetivamente a elas. Esse fato é essencial na infância, pois o afeto é enormemente mais importante no primeiro ano do que em qualquer outra fase da vida. A atitude emocional e afetiva da mãe servirá para orientar os afetos bebê e conferir qualidade de vida à experiência do mesmo (SPITZ, 2004).

Spitz (2004), retrata que é a partir da relação mãe-filho que se tem a oportunidade de observar o início e a evolução das relações sociais. Uma situação de não relacionamento social, ou seja, uma ligação puramente biológica, é transformada gradativamente na primeira relação social do indivíduo. O que denomina-se bebê significa muitas coisas, vista de aspectos diferentes de um todo indivisível, é um equipamento congênito, que é então sujeito a processos dinâmicos, manifestados sob a forma de afetos, afetos esses que proporcionarão vida e iniciativa à totalidade do que é um bebê em seu processo de maturação, estrutura, falta de estrutura e desenvolvimento, que inicia uma organização psíquica.

Quando a criança tem uma mãe suficientemente boa, ela pode começar o seu desenvolvimento, e seu ego é simultaneamente fraco e forte, a depender da capacidade da mãe de dá-lo apoio. O ego da mãe está em harmonia com o do filho, e a mesma só é capaz de dar apoio se for capaz de se orientar para o infante. Quando a dupla mãe-filho funciona bem o ego da criança é muito forte, pelo apoio que recebe em todos os aspectos, e cedo essa criança torna-se verdadeiramente ela mesma, e é capaz de organizar defesas e desenvolver padrões pessoais fortemente marcados por inclinações hereditárias (WINNICOTT, 1950).

4 DISCUSSÕES EM TORNO DA AUTORIZAÇÃO E NEGAÇÃO DOS PAIS E SEUS MECANISMOS DE DEFESA

Os autores Jacintho, Kupfer e Vanier (2019), retratam o caso da garota Jamila e sua mãe, em que a infante começa a frequentar um espaço para crianças e seus pais. Quando a menina começa a frequentar esse espaço ela tem 15 meses e apresenta uma grande inibição corporal, não engatinha, nem anda. A mãe da criança sempre está controlando tudo que a mesma faz e Jamila demonstra ter internalizado o cuidado excessivo de sua genitora.

Quando a mãe coloca a garota sentada no centro da sala e posteriormente afasta-se, a mesma permanece imóvel olhando para as pessoas a sua volta, esboçando um sorriso não muito convincente. Quando os funcionários do local oferecem um brinquedo em forma de pião para a infante, ela parece se interessar, mas permanece sem se movimentar. Os profissionais comentam com a genitora que a criança parece se interessar por outras pessoas, contudo, a mãe

se opõe e diz que Jamila gosta de observar, já tirando o brinquedo oferecido do seu alcance e oferecendo uma torre de cubos que ela mesma faz e desfaz, mas a menina permanece paralisada. Quando a criança começa a se deslocar até um escorregador sua mãe também já a retira, pois afirma que é muito perigoso, e no momento que Jamila começa a se interessar pelos brinquedos que a mãe oferece, mas esta percebe que a filha não está brincando da maneira que ela disse para fazê-lo, afasta-se da criança. Quando a genitora comenta que a infante não engatinha nem anda, apenas se desloca sentada a seguindo em casa o tempo todo, repete várias vezes que isso não a preocupa (JACINTHO; KUPFER; VANIER, 2019).

Todavia, há outro tipo de não ceder que é essencial e benéfico para o desenvolvimento infantil. Winnicott (1999), relata sobre as três fases do dizer “não”, que se iniciam com a necessidade dos pais de assumir total responsabilidade pelos limites da criança, que acontece no primeiro ano de vida, ensinando ao infante a palavra “não”, e palavras associadas ao perigo, como “quente”, que ocorre no segundo ano de vida. Deste modo, é ampliado a experiência da criança de fazer escolhas e de aderir esses a limites, dando-lhes explicações verbais, que acontece no terceiro ano de vida.

Primeiramente, a pessoa que desempenha a função materna é totalmente responsável o tempo todo, em segundo lugar, começa-se a transmitir o “não” porque se está convencido em diferenciar o despontar da inteligência do bebê e o princípio da sua capacidade para distinguir o que é consentido do que não é. Não se está tentando lidar com o que é certo ou errado do ponto de vista moral, mas levando ao entendimento do bebê os perigos dos quais o está protegendo. Os “nãos” maternos se fundamentam na ideia de perigos concretos. Na terceira etapa, conquista-se a cooperação da criança ao dar-lhe uma explicação de porquê o “não”, que envolve a linguagem, sugerindo que a mãe ficará desapontada com seu filho caso o contrário seja feito (WINNICOTT, 1999).

Lacan (1995, 1999), retrata através de uma análise dos três tempos lógicos do Édipo: privação, frustração e castração, que na constituição do sujeito tem papel fundamental a sua relação com a falta do objeto. Na privação há uma relação dual entre a mãe e a criança, há um apelo, o choro, e existe uma significação nesse apelo que está relacionada as necessidades básicas do bebê, que pode ser de fome, frio ou dor, por exemplo. A mãe, na dúvida, escolhe um desses significantes e responde a esse chamado. A criança está sujeita a decisão da pessoa da qual depende. No ensejo, a criança almeja satisfazer o desejo da mãe, ou seja, ser seu objeto de desejo, e o objeto de desejo da mãe é o falo. Nesse primeiro momento a criança se identifica com o falo, porém o Outro materno pode direcionar seu olhar para o bebê e confirmar o local de seu desejo ou pode desviar seu olhar colocando em dúvida essa localização. Dessa maneira,

a mãe pode estar presente ou ausente. Quando está ausente supõe-se que algo que não está na criança a interessa.

Na frustração, surge o pai, no plano imaginário como intercessor do desejo da mãe, impedindo-a de colocar o filho como seu único objeto de desejo, impedindo-a de fechar a relação dual. Na castração, o pai intervém como aquele que tem o falo, aquele que se supõe como detentor do objeto de desejo que direciona o olhar da mãe. É nesse momento que há a identificação do sujeito, pelo fato do pai supostamente ter o falo, ele aparece como o ideal de eu. A ligação da castração com a lei é essencial, por ser um momento crucial para a estruturação do sujeito, visto que a castração remodela as relações do sujeito com a falta e dá uma nova configuração ao falo que passa de objeto imaginário à simbólico, sendo significante de falta e servindo de auxílio para inúmeras substituições que o sujeito passará no decorrer de sua vida. (LACAN, 1995, 1999).

Mano (2009), retrata um caso onde se percebe o que o citado autor Lacan, fala sobre o desejo da mãe e a castração do pai. É um caso de um garoto de oito anos diagnosticado com Transtorno do Déficit de Atenção e Aprendizagem - TDAH. Desde o início do diagnóstico toma dois comprimidos de ritalina por dia. A mãe fala que o menino é “muito imaturo” e as vezes “insuportável”, mas a medicação estaria contendo esses momentos. Ambos os pais relatam impaciência com o garoto, dificuldade em lidar com a sua agitação e confessam que exigem do mesmo atitudes de adulto. Apontando ainda que a criança tem episódios constantes de asma e nasceu com bronquiolite. A genitora diz que o transtorno foi descoberto através do exame eletroencefalograma, que acusou “imaturidade cerebral”. O significante imaturidade aparece com frequência na fala dos pais. A mãe demonstrando está confusa, pergunta o tempo todo para a analista o que é certo ou errado quanto a educação do filho.

Na primeira entrevista com a criança, a analista percebe que há uma tensão do casal localizada no filho. A criança relata que depois que começou a frequentar a psicoterapia seu pai não o grita mais, sua mãe está mais calma, fica o agradando, e ele também está mais calmo. No decorrer dos encontros o menino sempre menciona que está cansado das suas atividades, que pode ser efeito da medicação, mas também pode ser efeito da tensão localizada no corpo da criança. O garoto analisa os brinquedos que não vai brincar por remeter a algum fator familiar que o deixa “muito louco”, se cobrando o tempo todo a ter atitudes que não o façam perder o controle. É notório a produção defensiva da criança ao excesso de demanda, que pode lhe estar causando cansaço e até mesmo a falta de ar (MANO, 2009).

Em outro momento o menino relata pesadelos que o provocam muito medo e mostram como o mesmo está percebendo a função paterna. Nos pesadelos, não que seja consciente para

a criança, ela está a convocar o pai para que sua separação com a mãe seja efetivada, porém a separação não acontece, o pai acaba morto nos pesadelos por figuras que representa a mãe. Existem dificuldades estruturais no processo de separação entre a mãe e a criança, separação do desejo, que é manifestada através de agitação psicomotora. Nos pesadelos, a criança tenta convocar a função paterna para realizar um corte na demanda sólida da mãe (MANO, 2009).

Lacan (1995, 1999), refere que a maneira como cada sujeito se defende da castração é que se configura um trauma, estabelecendo sua estrutura psíquica. Será neurose se o mecanismo de defesa se der através do recalque, será perversão se for pela forma da renegação ou psicose se for pela via da forclusão. Essas estruturas psíquicas configuram as tentativas de sanar a falta do Outro. A consideração desse autor vale tanto como a forma de defesa da criança como dos pais, que já foram criança em seu passado e têm consigo questões que perpetuam de sua infância.

De acordo com Santos (2016), antes da criança nascer ela já está inserida em um discurso, que é referência simbólica da imagem formada para esse filho. Ao nascer, o bebê se depara com toda uma organização cultural pronta e um futuro planejado. Os pais esperam um corpo saudável e em seu desejo esse filho é perfeito. Quando a criança nasce com algum problema do desenvolvimento a função materna tende a claudicar, pois existe uma diferença entre o filho desejado e idealizado e o filho real, podendo levar a um luto pela perda do filho esperado. Muitas vezes, essa mãe coloca o infante em um lugar de incapaz, limitando suas capacidades e pondo em cheque seu futuro psíquico. Pode-se perceber esse fato no caso trazido pela autora Mano, onde a mãe menciona a todo momento que seu filho é “muito imaturo” e demonstra está confusa perguntando a analista a todo momento o que é certo ou errado quanto a educação dele, demanda excessivamente da criança, impedindo que ela tenha autenticidade e ferramentas psíquicas apropriadas no seu processo de desenvolvimento como sujeito.

Freud (2010), se refere a chegada da criança como *His Majesty the baby*, e cita essa chegada como um dia pensou-se de si próprio. Ela deve alcançar todos os sonhos não realizados pelos seus pais. O bebê se reconhece nessa imagem de filho ideal projetada pela função materna. O filho idealizado pelo discurso parental é uma realização narcísica dos pais. O seu comovente amor é no fundo muito infantil, é o narcisismo dos pais renascidos. Esse é o primeiro momento que a criança se apropria da condição de sujeito.

5 A SUBJETIVAÇÃO DO SOFRIMENTO DA CRIANÇA

Winnicott (1950), retrata que uma criança cujo ego é forte devido ao apoio dado pelo

ego da mãe, cedo torna-se verdadeiramente ela mesmo, mas se o apoio do ego da mãe não existe, é fraco ou descontínuo o infante não consegue se desenvolver em sua trajetória subjetiva, o desenvolvimento passa a estar mais relacionado com uma sucessão de reações a colapsos do que com as urgências internas e fatores genéticos. Os bebês que recebem cuidados devidos ligeiramente se estabelecem como pessoas, diferente daqueles que recebem apoio egoico inadequado ou patológico e tendem a apresentar padrões de comportamentos como estranhamento, complacência, inibição, apatia e inquietude.

Winnicott (1950), aponta ainda sobre os efeitos do *holding* deficiente na criança, que produz extrema aflição, sensação de despedaçamento, sensação de falta amparo, sentimento de que a realidade externa não pode ser usada para reconforto interno e de outras ansiedades que são classificadas como psicóticas. O *handling* quando é deficiente, trabalha contra o desenvolvimento do tônus muscular, da coordenação e da capacidade da criança gozar a experiência do funcionamento corporal e de ser. Falhas na apresentação de objetos impedem ainda mais o desenvolvimento da capacidade da criança de se sentir real na sua relação com o mundo dos objetos e dos fenômenos.

Essas falhas podem ser percebidas nos dois casos apresentados nesse estudo. A criança Jamila tem 15 meses e apresenta grande inibição corporal, não engatinha nem anda. Sua mãe controla e decide tudo o que a criança faz. A menina não se sente livre, a vontade e segura em tomar atitudes próprias. O garoto de oito anos diagnosticado com TDAH se cobra o tempo todo para não ter atitudes que o façam perder o controle, pois isso demandaria uma série de consequências no contexto familiar, como lidar com a fato da mãe querer saber tudo que passou na análise, o levando a ter atitudes que não o coloque em uma situação difícil com seus familiares e o “deixe muito louco” como o mesmo relata.

Na atualidade, observa-se um aumento de diagnósticos relacionados a psicopatologia infantil. Esse crescimento é constante em toda essa área, porém o ritmo é ainda mais intenso em relação aos autismos. A questão diagnóstica para a psicanálise indica, sobretudo, para a relação que o sujeito constrói com o Outro. É a resposta que o sujeito dá ao encontro mítico de um primeiro significativo com o corpo, que promove um enquadramento do gozo a partir do corte provocado pela linguagem, com isso se estabelece sua estrutura subjetiva. E além disso, há uma sutileza essencial no que diz respeito a hipótese diagnóstica na análise com crianças. As hipóteses construídas sobre a estrutura na infância podem e devem ser questionadas, e inclusive refutadas (SANTOS; LEMES, 2020).

Maleval (2012 *apud* SANTOS; LEMES, 2020), afirma ainda que o autismo em suas diversas manifestações, pode ser pensado como o efeito das falhas na operação de alienação do

bebê à estrutura significativa da linguagem do Outro, essencial ao mundo dos significantes. São empecilhos que acontecem no campo da função materna no que diz respeito a orientação libidinal que enreda o contorno do real no organismo da criança. Existem falhas no reconhecimento da imagem do outro e da própria imagem. Dessa forma, a relação do sujeito autista com o próprio corpo e com o significante pode encontrar severas dificuldades. A insensibilidade física que alguns autistas têm parece sustentada no déficit da marca do significante no corpo. O sujeito tenta funcionar sem o Outro da linguagem, existe uma recusa em alienar-se na linguagem, que o leva a elaborar variadas estratégias para desviar-se.

Machado e Carlesso (2019), discutem sobre a constituição do sujeito perverso a partir das relações familiares. Problemas ou falhas no desempenho da função materna, no seu processo de vinculação mãe-bebê, falta de afeto recebido das figuras parentais e um ambiente familiar desfavorável com relações disfuncionais, podem interferir de forma negativa no desenvolvimento psíquico da criança, potencializando desordens afetivas e conseqüentemente contribuindo para a constituição do sujeito perverso. Esse indivíduo se desenvolve numa condição anormal e conflituosa de personalidade, manifestando sentimentos de destruição em relação ao Outro através de pensamentos e atitudes maldosas.

Segundo Winnicott (2007), existem quatro patologias que podem surgir devido a problemas de maternagem: esquizofrenia infantil ou autismo, esquizofrenia latente, falsa autodefesa e personalidade esquizoide. Na esquizofrenia infantil ou autismo existem doenças secundárias, deficiência física do cérebro ou algum grau de cada tipo de falha nos detalhes da maturação inicial. Em boa parte desses casos não há indícios de doença ou defeito neurológico. É comum na psiquiatria com crianças, o médico não conseguir decidir por um diagnóstico de defeito primário, doença de Little moderada, mera falha psicológica do início da maturação em crianças com cérebro intacto ou uma combinação de dois ou mais desses fatores. Em alguns casos existe boa evidência de reação produzida devido o fracasso de apoio ao ego.

Sobre a esquizofrenia latente existem muitas variedades clínicas em crianças que passam por normais ou até mesmo se destacam pela sua capacidade intelectual ou grande precocidade. Nesses casos a doença se revela pela fragilidade do êxito. A pressão e tensão própria de estágios posteriores podem desencadear uma doença. Na falsa autodefesa acontece o uso de defesas, principalmente de um falso, porém bem-sucedido *self*, que possibilita a muitas crianças parecem muito promissoras, mas em um colapso eventual releva-se a ausência de um verdadeiro *self*. Na personalidade esquizoide é comum se desenvolver um distúrbio da personalidade que depende de um elemento esquizoide oculto em uma personalidade normal em outros aspectos. Elementos esquizoides sérios se tornam socializados desde que possam se

ocultar em um padrão de distúrbio aceito pela cultura e que pertença a pessoa. Estes graus e tipos de defeito da personalidade podem se relacionar com vários tipos e graus de falhas em cuidado, manejo e apresentação de objetos em estágio inicial. Isso não nega a existência de fatores hereditários, mas deve-se complementá-los em aspectos importantes (WINNICOTT, 2007).

Carlesso, Moraes e Souza (2020), verificaram as repercussões da experiência materna na interação mãe-filho, examinando suas implicações para o desenvolvimento da criança por meio dos Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDIs). Ao se avaliar a relação entre ausência/presença de risco (IRDIs) para os bebês e a ausência/presença de alteração emocional materna, foram encontrados resultados significativos. Existe maior índice de bebês com risco quando a mãe apresenta alteração emocional no período puerperal. Quando a genitora está passando por alguma situação adversa, quando está sofrendo de depressão pós-parto ou outros transtornos afetivos, ela pode tratar seu filho de maneira imprevisível ou com repulsa que trará marcas para o modelo de apego desenvolvido pela criança. Os infantes que têm mães insensíveis, que não oferecem respostas, que são negligentes ou que os rejeitam tendem a se desenvolver de forma negativa, tornando-se vulneráveis a um colapso ao se deparar com situações difíceis.

Crespin (2004), apresentou duas listas de sinais indicadores de sofrimento psíquico, sendo uma barulhenta e a outra silenciosa, a última mais grave por passar despercebida. Para propor tais sinais a autora considerou os três grandes registros pulsionais do primeiro ano de vida. Em relação a oralidade, a autora afirma que a satisfação pulsional parece tão central que sua ausência pode bloquear a satisfação da própria necessidade alimentar. Recusas alimentares, refluxos, vômitos recorrentes, anorexia grave do lactante (menos frequente) estão na série barulhenta. Não se pode deixar de considerar a dimensão simbólica, se tratando dos três primeiros, quando resistentes a maturação e aos tratamentos clássicos. O preenchimento passivo e as síndromes bulímicas fazem parte da série silenciosa.

Em relação ao registro pulsional da especularidade é listado como série barulhenta o evitamento seletivo do olhar e como silenciosa a não fixação do olhar, a persistência do estrabismo fisiológico e o nistagmo. Quanto a pulsão invocante, a persistência de gritos inarticulados para além do período neonatal e a inconsolabilidade do bebê são sinais de série barulhenta e a cessação do apelo sinais de série silenciosa. Os distúrbios do sono e do registro tônico-postural são sutis indicadores da qualidade da relação do bebê com o Outro cuidador. Dificuldades de adormecimento e o despertar noturno, com ou sem relato de pesadelo, estão na série barulhenta, e na série silenciosa estão a hipersonia ou insônia calma do bebê. Hipotonias,

hipertonias, atrasos psicomotores, mesmo se inserido em um quadro neurológico, fazem parte da série barulhenta. Os balanceios e os detonadores de estereotípias instalados apenas no decorrer do segundo ano de vida, antes das mutilações, são silenciosos (CRESPIN, 2004).

Em contrapartida, como apontado por Spitz (2004), não se deve esquecer das frustrações as quais são necessárias que a criança se depare, porque as consequências de privar o bebê de desprazer durante o primeiro ano de vida são tão prejudiciais quanto privá-lo do afeto de prazer. Prazer e desprazer tem uma função igualmente importante na formação do sistema psíquico e da personalidade e impedir qualquer um dos afetos é atrapalhar o equilíbrio do desenvolvimento. A necessidade e a importância da frustração para o desenvolvimento são a própria natureza que impõe.

O trauma de asfixia no nascimento, força a substituição da circulação fetal pela respiração pulmonar, as repetitivas frustrações de sede e fome forçam o bebê a tornar-se ativo, a procurar e ingerir comida ao invés de recebê-la passivamente pelo cordão umbilical, impulsionando e desenvolvendo a sua percepção. O desmame obriga à separação da mãe e há uma progressiva autonomia e desse modo, continua estágio por estágio, tornando-se cada vez mais ativo e independente em suas relações com o mundo exterior, seja animado ou inanimado. A frustração está incorporada no processo de desenvolvimento, e é a mais vigorosa ferramenta de evolução que existe na natureza (SPITZ, 2004).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todos os apontados, é necessário pensar o desenvolvimento infantil para além da maturação e do crescimento, pois estes tornam-se insustentáveis sem um bom e apropriado desenvolvimento psíquico, que se inicia precocemente e implica operações sutis que acontecem em tempos lógicos. Acima de tudo, um bom estabelecimento psíquico depende da instauração do vínculo com o Outro primordial.

Os sinais de sofrimento psíquico infantil estão presentes desde muito cedo e quando negligenciados vão se solidificando em sintomas cada vez mais evidentes. Uma abordagem psicoterapêutica de efeitos duradouros deve levar em consideração o modo como o funcionamento psicopatológico se constitui. Pelo manejo clínico, a partir do que a criança produz, o psicanalista busca relançar o movimento estruturante precocemente interrompido. Não se espera a normatização da criança, mas que essa possa se constituir como sujeito e ator da sua própria história de vida, capaz de utilizar todas as suas ferramentas psíquicas e potencialidades.

O objetivo dessa pesquisa de compreender a posição de autorização e negação dos pais e suas interferências na subjetivação do sofrimento infantil, através da descrição da função materna e função paterna e suas relações com o desenvolvimento infantil; identificação da posição dos pais entre a autorização, a negação e as questões em torno dos mecanismos de defesa e a discussão da posição de subjetivação do sofrimento da criança, foi alcançado a partir do estudo dos materiais encontrados através da pesquisa bibliográfica do tipo revisão de literatura narrativa.

Desse modo, foi possível compreender como a posição de autorização e negação dos pais através do desempenho adequado, falho ou patológico da função materna e função paterna, constituindo as relações iniciais, é essencial para o desenvolvimento da criança e toda sua trajetória de vida, podendo esse infante desenvolver ferramentas psíquicas apropriadas para tornar-se um sujeito verdadeiro consigo mesmo e com o outro, que usa das suas potencialidades, autêntico, independente e confiante da sua própria trajetória de vida ou sofrer com traumas, tristezas, inseguranças, agressividade e até mesmo uma série de transtornos do desenvolvimento. Sendo assim, é percebido que o que acontece na infância, não fica apenas nela, mas repercute por toda a vida do sujeito.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Tradução e notas de Paulo César de Souza.
- FREUD, S. **O Ego e o Id**. Le livros, 1ª ed., 1927. 88 p. Tradução de Joan Riviere. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas Sigmund Freud, v. 19).
- FREUD, S. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Le livros, 1ª ed., 1950. Nota do editor inglês James Strachey; tradução de James Strachey. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 13).
- CARLESSO, J. P. P.; MORAES, A. B.; SOUZA, A. P. R. Experiência da maternidade e Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDISs). **Research, Society and Development**. vol. 9, n. 1, 2020. ISSN 2525-3409. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1765>. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/518/2020/09/2020-Preto-Carlesso-et-al..pdf>. Acesso em: 28 mai. 2021.
- CRESPIN, G. C. **A clínica precoce: o nascimento do humano**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.
- JACINTHO, A. F. L.; KUPFER, M. C. M.; VANIER, A. A função de intervalo do espaço de acolhimento para pequenas crianças e seus pais. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro, v. XXII, n. 3, p. 335-342. set./dez. 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1043577>. Acesso em: 05 out. 2020.
- JERUSALINSKY, J. **A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo**. TEDE. Orientador: Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck. 2009. 272 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15847/1/Julietta%20Jerusalinsky.pdf>. Acesso em: 08 out. 2020.
- LACAN, J. **O seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de Dulce Duque Estrada.
- LACAN, J. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1999. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira.
- MACHADO, A. C.; CARLESSO, J. P. P. As Relações Familiares na Constituição do Sujeito Perverso. **Research, Society and Development**. vol. 8, n.4. 2019. ISSN 2525-3409. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i4.901>. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/901/774>. Acesso em: 27 mai. 2021.
- MANO, M. S. **A criança hiperativa, a família, o discurso científico e a psicanálise**. Repositório Institucional UNESP. Orientador: Olga Ceciliato Mattioli. 2009. 96 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, São Paulo, 2009. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/97562/mano_ms_me_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 11 mai. 2021.
- MELANCOLIA na infância/Julietta Jerusalinsky. Curadoria de Maria Rita Kehl. Publicado

pelo canal de Youtube Café Filosófico CPFL. 2017. 1 vídeo (49 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tEXNCygMsRQ&t=211s>. Acesso em: 02 out. 2020.

POMBO, M. Crise do patriarcado e função paterna: um debate atual na psicanálise. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, vol. 30, n. 3, set./dez. 2018. ISSN 0103-5665. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v30n3/04.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2021

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**. São Paulo, vol. 20, n. 2. abr./jun. 2007. ISSN 1982-0194. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ape/v20n2/a01v20n2.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SANTOS, A. J.; LEMES, M. G. N. O espectro dos autismos e a psicose infantil: uma questão diagnóstica para a psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 23, n. 2, p. 175-197. jun. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p175.3>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/ywXynHBRJQzJ65XTNTHPjzM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 ma. 2021.

SANTOS, R. S. G. **A função materna e os problemas do desenvolvimento infantil**. UNIJUI. Orientadora: Simoni Antunes Fernandes. 2016. 33p. Artigo (Graduação em Psicologia) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/4317/Rochele%20Stracke%20Gomes%20dos%20Santos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 mai. 2021.

SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida**. São Paulo: Martins Fontes, 3ª ed., 2004. Tradução de Erothildes Millan Barros da Rocha.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. 1950.

WINNICOTT, D. W. **Conversando com os pais**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 1999. Organização de Clare Winnicott et. al.; introdução de T. Berry Brazelton; tradução de Álvaro Cabral; revisão técnica Claudia Berliner.

WINNICOTT, D. W. **O Ambiente e os Processos de Maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 2007. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz; Prefácio de Jose Ottoni Outeiral.